

Índios ameaçam matar invasores

Irineu Machado

Enviado especial

CAPITÃO POÇO, PA, (AF) — Os índios da tribo Tembê, na reserva Alto Rio Guamá, no nordeste do Pará, declararam guerra aos moradores da Vila do Livramento, em Garrafão do Norte (250 km a leste de Belém), como vingança pela prisão de 77 índios na última quarta-feira.

Eles ameaçam matar invasores da reserva e provocar incêndios em plantações no povoado que estejam dentro da área indígena.

Cerca de cem índios se reuniram entre a noite de anteontem e ontem na aldeia São Pedro, dentro da reserva, para discutir estratégias de ataque aos moradores do povoado.

Não há polícia no local, habitado por cerca de mil famílias. Outras mil famílias de posseiros vivem em barracos espalhados por dentro da reserva, que tem 280 mil hectares e 1.192 índios (segundo a Funai; 2.000, segundo os líderes indígenas).

Um dos 12 líderes da reserva, Edivaldo Tembê, disse ontem que os índios matarão "quem aparecer dentro da reserva".

Os moradores do povoado utilizam áreas da reserva para plantar e criar gado. Não havia representantes da Funai na reunião, segundo os índios.

"Se os índios voltarem à nossa área, nós teremos todo o direito de liquidá-los. Foi feito um acordo e eles se comprometeram a nos deixar em paz", disse Arnaldo Gomes Silva, 25, agricultor residente na Vila do Livramento.

Os posseiros confirmam ter apreendido 50 rifles dos índios. Os agentes da Polícia Federal e policiais civis e militares que estiveram no local até a última sexta-feira não localizaram as armas.

Na semana passada, os índios e

três funcionários da Funai (Fundação Nacional do Índio) foram mantidos como reféns por 54 horas, presos numa antiga cadeia e num galpão.

Eles só foram liberados depois de negociações com representantes do Ministério Público, Funai, Incra e Federação de Trabalhadores em Agricultura (Fetagri) do Pará.

"O clima já é de guerra. Decidimos que vamos descontar a humilhação e a violência que sofremos", disse Edinaldo Tembê, em entrevista à Agência Folha na entrada da reserva, às margens do rio Guamá, em Capitão Poço (PA).

Anteontem, ele disse que "não seria possível" permitir a entrada

da reportagem na aldeia por considerar "perigoso": "Os índios estão muito revoltados", declarou.

Ontem, os índios decidiram permitir a entrada da reportagem na aldeia, com a condição de que não falariam sobre o que irão fazer.

O líder Valdeci Tembê, 29, disse que os índios iriam esperar as negociações que devem começar nesta semana em Belém com representantes do Incra, Funai e Ibama, para solucionar os proble-

mas de invasão e exploração da reserva.

"Se não houver solução, nós vamos nos organizar melhor. Nós queremos resolver os problemas sem violência. Mas se eles (os colo-

nos) estão com a disposição que estavam quando nos prenderam, nós também estamos dispostos a lutar", afirmou. Segundo Valdeci, o clima de revolta criado pela prisão dos índios já teria se espalhado para outras tribos do Pará e do Maranhão.

Edinaldo Tembê disse que os índios possuem cerca de cem armas, entre rifles e espingardas caseiras, utilizados normalmente para caça.

"Vamos usar essas armas contra os colonos, se for preciso." Os índios preparavam desde ontem sementes de urucum (da qual se extrai tinta vermelha) para a pintura do corpo, simbolizando a guerra declarada.

Ontem, eles estavam com os rostos pintados de vermelho. Os índios pintam os rostos quando participam de reuniões para decidir "assuntos importantes".

O indigenista da Funai Juscelino Bessa, 35, disse acreditar que os índios cumprirão sua palavra sobre o acordo de não voltar ao povoado.

100

Índios se reuniram para discutir estratégias de ataque aos moradores de Capitão Poço, no Pará